

Das águas antigas e dos mapas reiventados em *O livro dos rios*, de José Luandino Vieira

RITA CHAVES
Universidade de São Paulo

Com a promessa de uma trilogia – *De rios velhos e guerrilheiros* –, José Luandino Vieira rompe o seu prolongado silêncio, apresentando-nos *O livro dos rios*, uma narrativa desconcertante que, sem dúvida, recoloca-nos em contato com alguns fenômenos marcantes na trajetória da literatura angolana. Desde as primeiras linhas confrontamo-nos com a impressionante língua literária que, sobretudo a partir de *Luanda*, exprimia uma forma de estar no mundo em muito diversa daquela que os cantos do colonialismo apregoavam como comum ao Império (tão empenhado em se eternizar).

Entre as várias questões que *O livro dos rios* nos põe, destaca-se a indagação sobre a validade de se recolocar em cena a figura do guerrilheiro, conferindo-lhe o papel de protagonista e, mais ainda, situando-o no centro da fabulação, mediada pelo discurso em primeira pessoa. Insólita, a atitude revela coragem, pois atenta contra a diluição das contradições que, tendo motivado a duríssima guerra, continuam a repercutir no cotidiano do país. A noção de utopia, tão marginalizada pelos discursos da hegemonia, insinua-se na busca angustiada que a fala de Kene Vua exprime, fazendo reemergir um passado que selou a mudança sobre a qual é preciso pensar. No domínio da fatura literária, o fenômeno do retorno ao passado reforça-se também na incorporação de Kibiaka, personagem fundamental em *Nós, os do Makulusu*, outra narrativa de Luandino em que a guerra colonial é motivo medular. Ao retomar a personagem e refundar a atmosfera de tensão tão forte nos anos 1960, o escritor parece advertir-nos de que ainda há muito a conquistar nesse processo que tem conhecido avanços e recuos.

A dedicatória a Langston Hughes é claramente indicativa do lado em que se situa o autor, com evidentes repercussões em seu texto. Entretanto, não

seremos levados por uma voz narrativa tonalizada pelas notas do maniqueísmo. Não há traços essencialistas e/ou racialistas nesse romance que se estrutura com base num monólogo torrencial do protagonista. Ao contrário, a fala desataviada de Kene Vua traz-nos a complexidade de um quadro de tensão extremada, em que a consciência guerrilheira se debate com problemas delicados como a condenação à morte e a execução de um antigo camarada. Dos lances envolvendo a sua infância até a sua adesão, tão funda, à luta contra o colonialismo, com as consequências daí advindas, nada é simples e precisa ser visto, revisto, repensado, compreendido por alguém que vive ainda tantos dilemas e a enfrenta a necessidade crua de se manter vivo e inteiro.

Se regressa à guerra, que é um dos elementos estruturantes do já citado *Nós, os do Makulusu*, livro de 1967, Luandino evita o risco da repetição, conduzindo-nos para fora da cidade de Luanda, a capital que o arrebatou em toda a sua produção anterior. Vamos agora enveredar pelo interior do território, num movimento que nos colocará em contato com esse novo espaço e com a imagem primordial em torno da qual se constrói essa narrativa tão densa quanto envolvente. Trata-se dos rios e suas águas inquietas que se convertem numa espécie de obsessão do narrador. São muitas passagens em que a imagem é convocada pela memória de Kene Vua, e em todas podemos encontrar os sinais da energia do verbo que também é característica desse texto, como vemos em:

Conheci rios: rios antigos, jimbumbas na pele da terra angolense, cicatrizes que nascem eterno sangue, uma água cega. E rios novos, rios de águas dormidas, lágrimas acordadas a tiro e catanada. Rios amigos quando ainda as matas eram nossas. (p.21)

Conheci rios.

De todos direi – dos velhos rios de arrugadas margens, uma teia de muijes e jindombes, dos que eram macotas nos sobados de tantas nascentes, e rios desalforriados agora, avassalados que estão em livros de atlas, os antepassados rios de sangue, enxurrados na memória dos homens; dos futuros rios falaria, nascidos que vão ser de uma água gorda, lama saindo nos fundos dos mares, esgotos peregrinos. (p. 67)

Como em outros textos, multiplicam-se os recursos para estabelecer uma ponte entre as matrizes da tradição e as referências da modernidade, equação tão complicada quanto essencial no mapa cultural e literário das sociedades africanas. Assim, temos as longas expressões em quimbundo, temos um insólito aproveitamento do espaço, com a incorporação de imagens visuais, temos algumas técnicas de montagem (a nos sugerir a força da linguagem cinematográfica) compondo com os ritmos da oralidade uma aposta em concepções de tempo e espaço que rompem com a convencionalidade. O universo da exceção é apanhado, a exclusão é focalizada, mas não se abre a esse movimento a hipótese de um sentimento paternalista. Em síntese, podemos dizer que a magia da linguagem literária é lucidamente trabalhada por Luandino a ponto de produzir aquilo que Alfredo Bosi, em ensaio sobre Guimarães Rosa (uma referência forte no repertório de Luandino), chama a “um ato de suplência simbólica na cadeia dos acontecimentos”.¹

Além da poeticidade da língua, manifesta na opção pelas rupturas que seriam próprias da lírica, vamos reencontrar o autor de *João Vêncio- os seus amores* na incrível capacidade de recorrer a referências e a brincar com elas. Ali estão, por exemplo, António Cadornega e a Bíblia, de firme presença também em *Nós, os do Makulusu*, texto com que a nova narrativa estabelece um explícito e instigante diálogo, sinalizado, como já referimos, pela presença de Kibiaka, um dos quatro meninos que estão no centro da trama narrada por Mais-Velho. O narrador reedita essa personagem literária, num movimento inclusivo que o leva a resgatar igualmente personagens da história de Angola, como a Rainha Jinga e Agostinho Neto. Há, pois, uma alusão à idéia da totalidade que, dialeticamente, se articula com uma linguagem composta de fragmentos que tem no estilhaço uma fonte de sentido.

Essa noção de totalidade sugerida pelo texto remete-nos à forte relação entre a atividade literária em Angola e o seu processo histórico, de que esse novo texto de Luandino é também tributário. Ao voltar-se para o passado, a narrativa coloca em cena fatos e personagens que habitam a memória e saltam para as páginas do romance conduzindo a reflexão também para fora dele mesmo. É o compasso da memória de Kene Vua que vai organizar o roteiro de sua vida, numa sucessão de travessias que se confundem com o itinerário de toda uma geração de angolanos. Uma vez mais, a geração da utopia, notabilizada no romance de nome análogo de Pepetela, mobiliza a atenção e contribui

para a reflexão acerca desse presente que, com o fim da guerra, que perdurou até 2002, pode ser conduzido por terras mais firmes, ou por águas mais serenas, se quisermos ser fiéis à imagem agora privilegiada.

Ao fazer do movimento o elemento central da estratégia narrativa, Luandino radicaliza as suas propostas e nos oferece um texto denso, que cobra do leitor uma atitude contrária àquela que costuma atender aos mecanismos do mercado, sempre ávido de leitores aderentes, dóceis, cooptáveis. Apesar de curta, o que pode até levar ao questionamento do estatuto de romance que lhe reconhecemos, a narrativa interdita a hipótese de leituras rápidas, assim como recusa a proximidade com qualquer aspecto exotizante que às vezes se espera dos produtos culturais provenientes do continente africano. Instigante, o romance vai mais fundo, fazendo ecoar vozes como a de Langston Hughes, Agostinho Neto e Walter Benjamin que, em seu famoso “Sobre o conceito de história”, afirmava: “Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.”²

Com uma linguagem que não hesita em fertilizar a multiplicidade de sentidos e, com isso, ultrapassar os limites da referencialidade enganadora, José Luandino Vieira, uma vez mais, confirma sua capacidade de fazer da invenção um compromisso com a sua luta contra o conformismo. Tal como o fizeram os camaradas de Kene Vua, aos quais o escritor presta seu tributo.